A transferência depois do passe

Trabalho de transferência, transferência de trabalho, laço social

Marie-Jean Sauret

Não é certo que tratar da transferência de trabalho nos dê os meios de trabalhar a psicanálise e de partilhar essa atividade com os outros. Na melhor das hipóteses, esta exposição contribuirá com o trabalho de vocês... se vocês trabalham. Na pior, ela constituirá um embaraço ou um álibi à nossa preguiça ou ao nosso retorno a nós mesmos. Se o trabalho não suscita espontaneamente o entusiasmo, sem dúvida ele está ligado àquilo que testemunha o que se depôs na língua de seus valores de uso (cf. também Freud, O Mal-Estar..., nota p.25-26). A etimologia deriva a palavra francesa "trabalho"(eu suponho que a tradução espanhola e portuguesa igualmente) do latim popular *tripalium* que designa literalmente uma máquina composta de "três pés". Mas "trabalho" se apresentou, pelo menos uma vez (em 578), no sentido de instrumento de tortura, que é reencontrado, sem dúvida, no "trabalho" de parto: o tormento, o sofrimento, a dor. Sem dúvida, toda produção é neste sentido assimilada a um parto: não sem trabalho. Mas eu queria sublinhar uma última acepção que deveria fazer pensar ao chegar às orelhas dos "(ex?) trabalhadores decididos" da psicanálise: o trabalho ainda hoje é "uma máquina à qual são sujeitados os bois, os cavalos, etc., para ferrá-los". Retenhamos este uso do "trabalho" como meio de "sujeição" dos animais de traço ou de soma da psicanálise!

Da transferência ao passe

A transferência é um fenômeno que não é propriamente psicanalítico. Exceto pelo fato de que Freud foi quem a isolou enquanto tal e a desviou para o "uso" do tratamento. A transferência como fenômeno geral é a do amor endereçado ao saber, mesmo se ela toma a aparência de um amor endereçado à pessoa que deteria este saber com os efeitos que se sabe: nas sessões o analisante paga com sua presença, seus sentimentos, suas negações... De maneira que as duas primeiras questões dizem respeito ao que torna o saber amável e, além disso, ao que é o amor.

Que o sujeito corra atrás do saber é resultado da sua estrutura. O sujeito da fala só é representado na linguagem que ele habita. É suficiente para se convencer disso responder à questão que, apenas depois que a ciência tenha feito parar todos os objetos com os quais se ocupa, ele pode fazer a si próprio: "Que sou (como objeto)?". Para responder o sujeito substitui subrepticiamente a resposta "que" por "quem sou eu?": ele enumera significantes – nome, sobrenome, profissão, etc. – que ele escreverá sobre um papel, e até mesmo sobre uma carteira de identidade. Ele pode rasgar seu caderno, perder seus documentos, que não fica mutilado, no entanto. É que ele não

---

Tradução: Rosângela Corgosinho

está aí nesses significantes que o representam. Ele encontra aí, pois, ao mesmo tempo, uma falta-a-ser e uma falta-a-saber, ligadas ao simples fato de falar. Este saber que falta corresponde ao saber que apreenderia seu ser se fosse possível homologá-lo ao saber.

Freud identificou a falta-a-ser à essência do humano sob o nome de desejo e Lacan batizou a "substância negativa"(por ter sido reencontrada desde que anteriormente perdida) correspondente de "gozo". O sujeito está separado do gozo pelo fato de falar e todo saber é, desde então, a promessa de recuperar-lhe uma parte (aproveitando da substituição metafórica do "quem sou eu?" ao "que sou eu?"). Se a linguagem não permite reencontrar este ser de gozo, ela produz em seu lugar sentido, de maneira que a busca de saber é secundada pelo que Lacan chama de gozo substitutivo do sentido – o *jouis-sens*. Nós suspeitamos que uma boa parte da corrida ao saber (diploma, profissão, posição hierárquica, busca de garantia, etc.) se deve ao fato de que o sujeito espera uma resposta mais ou menos definitiva sobre o que ele é (valeria a pena nos interrogarmos aqui por que Marx situa a essência do homem precisamente do lado do trabalho e não do desejo, mesmo quando coloca Lacan na via do mais-de-gozar causa do desejo com a mais-valia).

E o amor? Para dizer a verdade, encontra-se esclarecida uma proposição de Lacan: "o amor, é dar o que não se tem". É claro que o sujeito não dispõe do saber que ele demanda sobre o seu ser. Mas justamente trata-se para ele, não de dar o que ele teria, o que ele saberia, mas literalmente o que ele é: é seu ser, atrás do qual ele corre, que ele oferece ao saber, que ele apresenta como objeto a simbolizar ou que ele supõe já estar localizado em alguma resposta. Uma resposta em termos de "quem" ("quem eu sou?") prestaria conta do "que" ("que sou eu como objeto?"), o qual toca no objeto pulsional. O sujeito não duvida que exista um Outro que disponha do saber que lhe faz falta, ou, se ele duvida, está próximo de tentar a experiência de um debate com este Outro: tal é a transferência em operação até no amor do parceiro suposto nos identificar como homem ou como mulher...

Para dizer a verdade, o psicanalista, com a oferta da cura, dá um presente igualmente do que ele é sob a forma de sua presença – é claro resistente – àquilo que o analisante imagina, supõe: o amor ainda. De maneira que a contratransferência já está aí como constitutiva da experiência, contratransferência que Lacan conduzirá à sua estrutura essencial sob o nome de "desejo do psicanalista".

Qual é então a especificidade da transferência analítica mais além do desejo do psicanalista, seu ponto de partida? O sintoma denuncia os saberes – as identificações também – de que se sustenta o sujeito, e este último se interroga: "Quem sou eu, eu que... Por que é que isso acontece comigo? Estou morto ou vivo? Sou homem ou sou mulher?" O específico não reside nas questões mas no fato de tomar ato de que elas são suscitadas precisamente pelo sintoma. Em seguida o caráter particular do saber suposto ao psicanalista: a falta-a-saber, constitutiva do sujeito, é o inconsciente como buraco no saber ligado ao fato de que o sujeito é apenas representado – logo ausente – na cadeia significante($\frac{S_1}{S}$). Específico ainda é, claro, o manejo da transferência, em

que o desejo do psicanalista, principalmente com a interpretação, tem o papel principal (*O seminário* – Livro VIII: A transferência, p.208).

Mas é sobretudo o destino da transferência no tratamento que convém sublinhar. Ao final de uma análise, o sujeito se vê reduzido ao que ele é como gozo ineliminável pelo fato de carregar vivo o significante no real. Este gozo – fixação traço de perversão, satisfação pulsional, etc. – elevado à categoria de sintoma é aquilo sobre o que se demonstra a heterogeneidade do significante e do gozo, isto sobre o que o Outro do saber se desfaz, aquilo sobre o que se "mostra" que nenhum saber jamais homogeneizará o ser de gozo do sujeito e o significante que o representa (marcando o fim da tentação da representação), que o sujeito está condenado à representação significante... e que ele tem ao menos isso! Fim do Outro ao qual o sujeito pedia a restauração do saber em falta ou de uma identificação que se mantenha: a transferência se resolve e o "inessencial do sujeito suposto saber" se revela sobre o mesmo osso "desmentido (vindo) do real".

Aí se situa o passe como momento clínico: momento em que o sujeito apreende o que ele é como gozo ineliminável sobre o qual o Outro se desfaz, até se identificar com isso (identificação ao sintoma), mas também momento em que o sujeito consente o caso que destitui ao colocar o que ele descobre ser como objeção, pelo fato de esburacar (e não completar) o Outro do saber ao qual se endereçaria um novo analisante. Isabelle Morin fez este consentimento equivaler ao desejo do psicanalista: o analista consente "em se fazer semblante" do objeto que o analisante ignora ser e do qual ele pensa que o "saber do psicanalista" restaurará. "Se fazer semblante" (e não "fazer semblante"), assim como o observa Claire Armand, diz que a presença do psicanalista se sustenta desse objeto que ele é em torno do qual circula a pulsão, e que é este objeto que ele visa em seu analisante: não se trata de "fazer semblante", de imitar as figuras da fantasia do analisante.

Com o passe se verifica que a psicanálise não é um delírio desde que o real do sujeito se apresenta ao encontro. Uma mutação opera-se de uma só vez: a que ramifica o campo freudiano – o que decorre da introdução por Freud do inconsciente como significante mestre no campo social – sobre o campo dos gozos, para constituir o campo lacaniano, assim como Colette Soler levantou o termo.

A transferência de trabalho

O trabalho de transferência, insisti pouco nisso, consiste nas conseqüências da instalação e do manejo da transferência. O psicanalista usa da suposição de saber inicialmente para levá-la a uma pura suposição (pela "retificação subjetiva", escreve Lacan), em seguida para fazer falar o analisante que declina os significantes aos quais está agarrado um pouco de ser, os S_1 da fixação de gozo (cf. a acepção do amor "como dar o que não se tem"). É por aí que a transferência é a colocação em ato da realidade sexual do inconsciente. Nesse trabalho, o sujeito toma emprestado aos significantes do discurso do Outro... até o momento em que esse Outro não pode fornecer nenhum significante, nenhum S_2, porque o sujeito lhe opõe o que ele é como

objeção. Com essa objeção, fabricada a partir do pouco de ser de gozo ao qual o sujeito tem acesso, é o fim do amor endereçado ao Outro do saber...

A partir daí, se o sujeito deseja se explicar com o silêncio do Outro, se ele quer sustentar sua posição de psicanalista, se ele busca impedir o esquecimento de sua descoberta, ele deve poder contar com o desejo que seus companheiros possam ter de escutá-lo. Sem dúvida ele mesmo contribui para, ou cria este desejo. O sujeito se esforça, então, para inventar, ele próprio, uma resposta frente à ausência estrutural de resposta, uma solução que sustente o fato de que não há resposta: com o risco de amar, não mais o Outro que se desfaz, mas sua própria construção, seu próprio saber e ir contra a descoberta desse ponto onde o Outro não responde (Ⱥ).

O psicanalista criaria o desejo de seus companheiros, assim como suscita o do analisante. Se o desejo é bem o desejo do Outro, somente a mobilização de (Ⱥ) evita a esse psicanalista ser um canalha: o canalha é precisamente aquele que se arvora como o Outro do desejo. É por aí que Lacan faz a única contra- indicação da psicanálise (*Télévision*, p. 67): na falta de Ⱥ, ele se tornará bobo, "melhoria sem esperança", enquanto que ele poderia prestar outros serviços! O amor de sua construção (de seu ensino, de sua própria doutrina) não é uma forma de bobagem?

A transferência de trabalho designa o que sustenta este trabalho de explicação quando o Outro do saber não é mais suposto fornecê-la, o que relança o trabalho contra o fechamento de sua própria resposta. O bem-dizer da explicação com o silêncio do Outro supõe o encontro do que o reduz definitivamente ao silêncio? Não, não o encontro necessariamente, mas a existência deste ponto de silêncio. O bem-dizer da explicação se distingue pelo apoio encontrado neste vazio do Outro, do bem-dizer do analisante endereçado ao sujeito suposto saber. Nesse sentido, transferência de trabalho e transferência analítica são antinômicas. O que não significa nem que a resolução da transferência analítica deva preceder a transferência de trabalho, nem que elas são incompatíveis (antes de mais nada, as contribuições teóricas dos pioneiros da psicanálise, pouco ou não analisados, o provam).

A transferência de trabalho acompanha o passo que vai do simbólico ao real por um ganho de saber suscetível de colocar em causa os saberes existentes, inclusive os da psicanálise. Nesse sentido, há transferência de trabalho em todos os domínios da ciência: o cientista alarga os limites do saber, incentivado pela *docte ignorance*. Não está excluído que o desejo do cientista esteja apoiado sobre a convicção de que o saber já existe aí, perto de Deus, ou numa natureza constituída como um grande livro assim como a Idade Média o afirmava (um exemplo recente dessa posição é constituída pela gnose de Princeton). Lá, na ciência, não existe psicanalista para levar essa convicção a uma pura suposição. O que não impede a esta transferência quase analítica, anônima, facilitar – com uma condição – a transferência de trabalho: os resultados o demonstram. Essa condição é que, por um artifício ou outro, seja mantida a exclusão do sujeito fora do saber ou toda outra modalidade da impossibilidade para o Outro de responder ele mesmo às questões do sábio. Descartes viu muito bem que se o saber perfeito e infinito se encontrava perto de Deus, se Deus era a ciência, isso implicava que a criatura, imperfeita e acabada, era rejeitada fora desse saber. "Uma

prática não precisa ser esclarecida para operar!" Mesma observação sobre a concepção da natureza como um livro a decifrar. A natureza não o fornece decifrado: é preciso um desejo para realizá-lo.

Existem duas diferenças que seria necessário considerar se elas modificam a natureza da transferência de trabalho entre a ciência e a psicanálise. A primeira se atém ao fato de que não se trata do mesmo real: real da ciência de um lado, real do sujeito do outro. A outra diferença, que se vê mal a psicanálise se transmitir em toda ignorância do ponto em que o outro afirma seu limite estrutural. Talvez, essas duas diferenças não existam: de um lado, porque se explicar com o real é ... explicar-se com o real! E, nos dois casos, é preciso um sujeito que consinta a se franquear ao saber tomando apoio em seu desejo. Por outro lado, a ciência moderna nasceu precisamente do encontro com um real que veio revelar de alguma maneira que, desde então, o saber tem um limite: o que polariza precisamente o desejo do sábio. A diferença se deveria, então, ao simples fato de que alguns sujeitos participam de uma transferência de trabalho com ou após uma experiência analítica. Mas Lacan chegará até a escrever que se há pessoas às quais faríamos bem em prescrever uma análise, é aos que exercem a profissão da ciência (a de ensiná-la, acredito eu)! Trata-se explicitamente de contaminar com a transferência analítica sujeitos tomados pela transferência de trabalho no domínio particular da ciência: será necessário voltar sobre a razão.

Na psicanálise, o analisante não espera o fim do tratamento para se colocar a trabalhar. Inicialmente porque o mais freqüentemente ele trabalha para pagar suas sessões, mas igualmente porque se dedica aos textos de Freud, Lacan, e de alguns outros. Todo mundo sabe que Freud – que praticava tratamentos de alguns meses apenas – recomendava a seus pacientes se absterem de ler obras psicanalíticas porque temia que essa leitura se colocasse a serviço da resistência e tornasse a análise difícil, senão impossível – direi: "cimentando o Outro". É verdade que, hoje em dia, a duração das análises... e a existência de passes, sem os quais esta duração não teria nenhum sentido, fazem mudar esse perigo para os problemas que se tratam em análise.

Mas quando o analisante terminou o seu tratamento, a transferência analítica somente se resolveu no ponto em que são verificados os limites do Outro. O que significa que o sujeito continua à mercê de encontros contingentes – suscetíveis de tocar a seu fantasma mesmo após sua travessia – aos quais ele responderá no caso de destituição por um apelo renovado ao suposto saber... sem cessar forçosamente de trabalhar por isso. O que significa ainda que a transferência analítica, que se sustenta nessa suposição de saber, é perfeitamente compatível com a existência de uma transferência de trabalho que se sustenta, ela própria, num limite do saber, verificado ou não: não está excluído, então, que a transferência analítica se coloque a serviço da transferência de trabalho, permitindo ao analista se tornar não apenas analisante (numa outra vertente) mas passante; não está excluído também que a transferência de trabalho se coloque a serviço... do tratamento – aquele no qual o sujeito se compromete como analista, por definição, mas também o seu próprio, se ele o retoma, o que é menos enfatizado.

O laço social

Como fazer laço social com sujeitos que "pariram" (a fórmula casa com transferência analítica e transferência analisante) o que eles são como objeção ao Outro? Freud percebeu muito cedo que o analisante se debatia com um elemento heterogêneo não apenas do sujeito, mas do campo social. Do lado do sujeito, ele o isolou sob as espécies da fixação, da pulsão de morte, de certos sintomas, do masoquismo, da culpabilidade, do mais além do princípio do prazer, da reação terapêutica negativa, etc... Ele demarcou o laço entre esse elemento de gozo e o fato de que nenhuma identificação se mantém, no ponto em que o sujeito faz um apelo ao pai morto (o Complexo de Édipo o obriga) para responder à questão do que ele é. No lado do campo social, é a tese do mal-estar ineliminável que decorre disso, na civilização.

Para prestar contas, ao mesmo tempo, dos fundamentos da solução pelo pai de seu elo com o mal-estar na civilização, Freud constrói o mito da horda primitiva: os "neo-humanos" só se reconhecem como da mesma comunidade porque isolam o que não é da comunidade – a besta do gozo e o gozo, ele mesmo, pelo qual eles mataram e ao qual eles renunciam. Freud, aliás, deduz disso que se cada sujeito deve tornar a passar pelo Complexo de Édipo para se assegurar dos fundamentos de sua pertinência à comunidade dos humanos, é porque a dita besta é inquebrantável, é que o dito gozo ameaça sempre o sujeito com o seu retorno, que apagaria o desejo.

O campo social assim definido repousa sobre a exclusão do gozo e a identificação correlativa ao Totem ou ao que o representa: ideal, chefe, etc. Esta lógica das classes está em obra nas explicações de especialistas – e talvez mesmo ela corresponda exatamente à própria realidade social – segundo os quais tal sujeito ou tal grupo se assegura de sua identidade designando tal outro o estrangeiro, o diferente, como não pertencendo à "minha" comunidade. A designação vai da denúncia discreta à violência explícita, passando por todas as formas de racismo. Retorna a um que não pertence ao grupo, encarnar a exceção ao meu grupo de pertinência: o que me permite traçar entre ele e mim a fronteira da minha comunidade e de resolver assim o problema insolúvel de minha identificação. Evidentemente, é preciso procurar no interior do grupo o que fornece o traço positivo, a bandeira, o ideal, o S_1, de onde, por definição, o estrangeiro é despojado. Está foracluído da comunidade o significante do Outro (e pois a própria idéia de um Outro) que não pode responder à questão do que eu sou: ele faz retorno no real sob a forma do outro despojado. Neste sentido esta construção se revela, qualquer que seja a sua eficácia, pelo que ela é: a invenção datada do neurótico obsessivo Freud... de quem, eu o afirmo, gosto ainda.

Apenas, desde Freud, o campo lacaniano modificou o dado do campo freudiano: modificou a lógica das classes extraindo um tratamento das impossíveis bodas do significante e do gozo pelo laço social. Sem expor exaustivamente a teoria, o tratamento pelo laço social consiste em localizar a impossibilidade e em deixar aos sujeitos, que aí se inscrevem, a oportunidade de simbolizar a falta do gozo de cada um (ligado ao fato de falar) pelos meios da castração (demarcada por Freud) e não pelos meios da exclusão. O sujeito que constitui o eixo do laço social é o neurótico, não

apenas porque ele é capaz dessa operação simbólica – a castração – que permite simbolizar a falta de gozo, mas porque ele é igualmente capaz de localizar o gozo no sintoma e de se apoiar sobre essa localização para se inscrever num laço social que repousa sobre a impossibilidade que mencionamos. Além disso, acontece eventualmente torná-lo habitável pelo psicótico: se ele consegue isso, ele será melhor habitável para todo mundo! Esta solução não desembaraça nem o amor nem o ódio, mas nem o amor nem o ódio são, de ora em diante, necessários ao laço social. De uma só vez, tornam-se tratáveis. Sem dúvida alguma, essa fórmula propõe aí um início de resposta ao que há de novo no amor – após a psicanálise.

Num sentido, toda associação funciona num laço social em que o agente é o significante mestre que reagrupa tudo aquilo que é de sua jurisdição, inclusive as associações de psicanálise. Lacan apenas notou, de um lado, a existência de quatro laços sociais e de outro lado a emergência do discurso analítico a cada mudança de discurso, desde que uma mudança é, no fundo, comandada por uma irrupção do real do gozo incompatível com o discurso então dominante: a irrupção que mobiliza ao mesmo tempo os limites do saber concernido por esse discurso e a impossibilidade de uma resposta. Ele deduziu disso não apenas a distinção entre associação (ao mestre) e Escola (à causa), mas a idéia (que ele não teve o tempo de experimentar) de descompletar a primeira pela segunda. Se o significante mestre coloca os associados (os trabalhadores decididos) em situação de interrogar o saber da psicanálise e de se colocar a trabalho, a Escola é constituída em torno da colocação de um lugar, o passe, onde se possam verificar os limites do saber – sobretudo psicanalítico –, e recolher as demonstrações de que para além desse limite não há... nada.

Belo ideal, dizem alguns, que acaba sempre em cisão. De acordo com os fatos, se examinarmos a crise da AMP, vemos que é totalmente o contrário. A crise não marca a queda de um ideal, mas ao contrário a eleição de um novo ideal que engoma a distinção entre associação e Escola, que coloca a segunda sobre a primeira, apagando assim a função que cada uma preenche para o outro. É porque de repente é recusada a suplementação do discurso do mestre pelo discurso analítico que a crise explode. Alguém é elevado à categoria de garantia encarnada do saber, de mestre do Outro, de tapa buraco, de exceção ideal (espécie de holófrase do totem e do gozo tabu), e a Escola e a associação se colocam a marchar no mesmo passo do ideal da Escola una (a holófrase da "escoluna – escritura sugerida por Dimitris Sakellariou –, vem aí onde Lacan escrevia des-colar e di-solução").

É falso dizer que nessa "escoluna" não se trabalha mais. Mas, de ora em diante, o trabalho se efetuará em nome do ideal, da vontade do Outro: o supereu psicanalítico encontra seu peso e sua ferocidade; e será necessário contar com os efeitos de "debilização" engendrados pela completude do Outro que essa operação realiza. O associado é condenado a recitar os clássicos, a correr atrás do mestre; se ele se afasta, é taxado de herético; se sua argumentação é desimpedida, ele é acusado de plagiário. Impossível pensar "um ponto fora da linha"!

Não é claro que, neste caso de figura, regressamos da lógica dos discursos – do campo lacaniano – à lógica da horda, que é menos que o campo freudiano o qual

está potencialmente aberto sobre o campo dos gozos? Trata-se de um neocampo freudiano, um campo freudiano fechado, depois de e sem o campo lacaniano. Não é a mesma coisa que criar o campo freudiano e aí retornar para acampar depois de Lacan. Um pouco como o retorno à solução religiosa após a ciência moderna, o que não é a mesma coisa que a adoção da mesma solução religiosa antes da ciência moderna: a integração de todas as religiões e o aumento das seitas estão aí para nos demonstrar isso.

Uma precisão. Este grupo funciona como a horda com os que ele designa, de ora em diante, como estranhos ao discurso rigoroso do mestre: de onde a adoção injuriosa do significante "nebulosa" para designar isto de fora. Mas é possível aproximar um pouco mais o funcionamento. Inicialmente a exclusão do discurso analítico e da possibilidade de mudar de discurso, foracluída a castração como solução à falta de gozo. Em seguida, o mestre continua a fazer trabalhar sozinho o saber até produzir o que falta ao sujeito. O passe é banalizado no sentido estrito: são expressos ao sujeito os critérios clínicos, políticos e epistêmicos aos quais ele deve conformar o seu ser. Está mesmo indicado que o critério clínico não poderia ser nem suficiente nem necessário. Enfim, esta organização promete a restauração, pelos meios doutrinais, do gozo de que os sujeitos faltam em falar... e alguns dentre eles, sensíveis ao disfuncionamento assim descrito, repetem que eles não deixam o campo freudiano porque eles... perderiam tudo (títulos, reconhecimento, clientela). Este funcionamento é o do discurso capitalista: $S_1 \rightarrow \}S_2 \rightarrow \}a \rightarrow \} \not S \rightarrow \} S1 \rightarrow \}$... E para não perder tudo, o sujeito que aí se inscreve renuncia nem mais nem menos que à psicanálise! Lacan havia previsto que a psicanálise, na seqüência do seu discurso, poderia bem se colocar inteira a serviço do capitalismo. "Trabalho" reencontra aí sua etimologia: máquina de assujeitar os animais de carga (o francês permite um triplo equívoco: animais que carregam peso, os que acumulam e os que... dormem!).

O que é que a psicanálise traz de novo?

Inicialmente ela mesma, pois por falta de se transmitir – limite de seu próprio saber – ela deve se reinventar a cada tratamento! É claro, ainda, ela traz uma teoria inédita até Freud. Uma teoria do desejo como buraco no saber e uma definição do sujeito como o passo que vai do simbólico ao real – desejo e sujeito nos quais não haveria ciência! Mas ela acarreta, ainda, uma teoria. Graças ao que ela é como prática e como laço social, mantém em ato a existência desse desejo e desse sujeito. Se a ciência não pode se constituir sem um sujeito que a fabrique, sabemos que ela "*s'avère définie par la non issue de l'effort pour le[le sujet] suturer*" – se afirma definida pela não saída do esforço para o [o sujeito] suturar (cf. *La Science et la Vérité in Écrits*, p. 861: uma única frase para criticar o artigo que Jacques-Alain Miller dedica à "sutura" nos *Cahiers pour l'Analyse*). Em outros termos, ela designa o sujeito como aquilo que não é da ciência, podendo assim definir os limites do saber objetivo, generalizável e universal que a constitui, mas ela só se renova ao fracassar nessa tentativa de foraclusão.

É verdade que se a ciência fracassa na foraclusão do sujeito, ela não fracassa na foraclusão da causa: ela não quer saber nada sobre o que causa o desejo do sábio que ela solicita para fabricá-la. É porque ela continua a designar o sujeito como exceção do qual ela pode dizer: isto não é ciência. E essa rejeição lhe permite merecer objetividade, generalização e universalidade para o saber. De repente, ele ameaça os sujeitos, aqueles que pertencem ao laço social que ela dominaria, de erradicação, por exemplo por um tratamento de redução a suas determinações biológicas: campo de concentração generalizado. A psicanálise vem fazer a teoria desse ponto que permite definir a ciência, mas acrescenta a essa teoria o que a esburaca a ela própria: a causa do desejo – feita desse gozo no qual se desfaz todo saber, inclusive o seu. De onde o fato que nenhum ponto exterior é localizável, a partir do qual seria possível dizer o que é a psicanálise: ela deve ser reinventada em cada tratamento.

No que ela permite, ao mesmo tempo, à ciência fazer seu trabalho enquanto contribui para manter o laço social vívido – entre outras, ao romper com a possibilidade da segregação pois que é impossível isolar a exceção no modo à lógica das classes, e reintroduzindo a consideração "das coisas do amor"(Lacan)! É por isso que Lacan desejava, a justo título, que a psicanálise pudesse ser prescrita aos sábios! [Se eu soubesse construir esquemas com um computador, eu desenharia o campo da ciência como um círculo de Euler, cuja borda seria esburacada pela presença do sujeito: $\not S$; eu colaria na borda exterior, do outro lado da fronteira da ciência, o campo da psicanálise sob a forma de um outro círculo de Euler, de um lado esburacado pelo mesmo $\not S$, como a ciência, do outro por *a*: "o valor da psicanálise é operar sobre o fantasma"].

Lacan, com efeito, nos ensinou de que é feita a primícia que o sujeito introduz no saber, esta causa do desejo: de seu ser de gozo. A presença da psicanálise e do passe, que conduz tal sujeito até obter uma visão sobre o gozo ao qual ele se reduz, é o sinal de que uma das condições da ciência e da transferência de trabalho é mantida: $\not A$ – condição igualmente de um laço social. Mesmo se para outros, aqui ou em outro lugar, esta relação com $\not A$ é mais ou menos velada.

Sobretudo, a psicanálise sustenta em ato o tratamento do gozo pelo discurso: a partilha entre o gozo que passa à castração e o que não passa por aí, condiciona a própria possibilidade de um laço social que escapa à lógica fundada sobre a exclusão e a segregação. É verdade que a psicanálise opera no um a um, artesão da construção do laço social a partir do seu sintoma, dando chance a um outro de se inscrever a partir do seu. O gozo desfaz o saber... mas sua localização pela identificação ao sintoma se articula ao discurso, impulsiona à criação. Sem dúvida, isto não é absolutamente entusiasmante, a não ser para alguns, assim como o sugere Lacan en *Télévision* (p. 29). É justamente em que a associação das redes dos Fóruns (Freud com Lacan etc.) e o Espaço Escola revestem uma importância política.